

Local Conference Call
CPFL ENERGIA
Resultados do Primeiro Trimestre de 2010
12 de Maio de 2010

Operadora: Bom dia e obrigada por aguardarem. Sejam bem vindos à teleconferência dos Resultados do Primeiro Trimestre de 2010 da CPFL ENERGIA.

Conosco hoje estão presentes o executivo Wilson Ferreira Júnior, Presidente da CPFL Energia e outros diretores da Companhia.

Esta teleconferência está sendo transmitida simultaneamente pela Internet no Site de Relações com Investidores da CPFL ENERGIA, no endereço: www.cpf.com.br/ri. Onde poderá ser encontrada a respectiva apresentação para "download". Informamos que todos os participantes estarão apenas ouvindo a teleconferência durante a apresentação da empresa e em seguida iniciaremos a sessão de perguntas e respostas, quando maiores instruções serão fornecidas. Caso algum dos senhores necessite de alguma assistência durante a conferência, queiram, por favor, solicitar a ajuda de um operador digitando *0. Cabe lembrar que esta teleconferência esta sendo gravada.

Antes de prosseguir, gostaríamos de esclarecer que eventuais declarações que possam ser feitas durante essa teleconferência, relativas às perspectivas de negócios da CPFL ENERGIA, projeções e metas operacionais e financeiras, constituem-se em crenças e premissas da diretoria da Companhia, bem como em informações atualmente disponíveis. Considerações futuras não são garantias de desempenho. Elas envolvem riscos, incertezas e premissas, pois se referem a eventos futuros e, portanto, dependem de circunstâncias que podem ou não ocorrer. Investidores devem compreender que condições econômicas gerais, condições da indústria e outros fatores operacionais, podem afetar o desempenho futuro da CPFL ENERGIA e podem conduzir a resultados que diferem, materialmente, daqueles expressos em tais considerações futuras.

Agora gostaria de passar a palavra ao Sr. Wilson Ferreira Junior. Por favor, Sr. Wilson, pode prosseguir.

Sr. Wilson Ferreira Junior: Ok. Muito bom dia a todas e a todos, analistas, investidores que nos acompanham nessa nossa reunião dos resultados do primeiro trimestre de 2010. Nós iniciamos a apresentação aqui pela página 2, onde nós temos aqui os destaques deste trimestre. Os resultados são muito positivos, eu vou passar a acompanhá-los, mas um trimestre que é conduzido fortemente aqui por uma recuperação nas vendas de energia, em particular no segmento industrial, que nós teremos oportunidade de detalhar ao longo desta apresentação.

Indo direto aos resultados temos aqui verificado um aumento de 16,7% na receita líquida, chegando a 2.785, o Ebitda completando R\$ 809 milhões nesse

primeiro trimestre, portanto um acréscimo de 22,8% em relação aos valores reportados no primeiro trimestre de 2009 de 659 milhões. Finalmente um lucro líquido de R\$ 390 milhões, que corresponde a uma variação de 38% em relação aos valores reportados no primeiro trimestre do ano passado de R\$ 283 milhões.

Vocês observam nessa apresentação os valores recorrentes e aqui até pela manutenção de critérios. Se vocês se recordarem, no ano passado nós tivemos eventos que foram subseqüentes à revisão tarifária de Paulista e de RGE, que determinaram movimentações no resultado, reconhecendo no mês de abril, e no caso no trimestre de 2009, valores decorrentes desses ajustes, os ajustes em particular da chamada "empresa de referência" ao longo do ano inteiro de 2008 e 2009.

Então até para manter o critério, nós estamos colocando do lado direito os valores recorrentes, lembrando que em grande medida esses valores corresponderam aos ajustes verificados nas revisões tarifárias da Paulista e da RGE, de qualquer maneira os resultados continuam sendo muito fortes, portanto um acréscimo de 16,3% na receita, ao invés de 16,7, um acréscimo de 16,9% no Ebitda ao invés de 22,8, e finalmente um acréscimo de 33,1% no lucro, ao invés de 38.

Eu falava no início que em grande medida os resultados têm como seu principal *driver* o crescimento de vendas na área de concessão (na área de concessão das distribuidoras). Esse crescimento será detalhado à frente e foi de 8,5% nesse trimestre comparado com igual período do ano passado. Observem que o reajuste tarifário principal da Paulista foi de 1,55, algo pouco inferior a 2% na Parcela B a partir de 8 de abril, portanto ele não impacta esse resultado.

Acho que são alguns destaques adicionais uma captação de R\$ 1.250 bilhão, que detalharei também a frente, mas um prazo de cinco anos a 107% do CDI, e essa captação se refere em grande medida dois terços dela a alongamentos de dívida e um terço dela a novo capital de giro para viabilizar as operações das nossas companhias.

Anunciamos... eu havia colocado isso na última reunião, mas na seqüência dela fizemos um anúncio público de três novos projetos de biomassa – Ipê, Buriti e Pedra. Esses três projetos vão significar investimentos superiores a R\$ 360 milhões para a instalação de usinas de cogeração, cujo total de 145 MW vão se juntar ao Grupo.

Acho importante também destacar que concluímos aqui na nossa última Assembléia a aprovação do processo de migração dos minoritários de todas as empresas adquiridas na área de distribuição, comercialização, serviços e geração ainda na época da CMS, então agora nós fizemos a troca de ações, emitimos mais de 1.2 milhão de ações, e em troca disso fizemos 100% de participação em todos esses ativos aqui relacionados.

De forma também inovadora apresentamos aqui o inventário de gás de efeito estufa, abrangendo todo o Grupo. Isso era um compromisso manifestado ao governo brasileiro através daquela carta aberta em conjunto com mais cerca de vinte companhias brasileiras de todos os segmentos, então nós já estamos apresentando esse inventário.

Acho que, em decorrência dessas boas notícias, tivemos também uma valorização das ações do Grupo no Bovespa, 3,9%, superando então tanto o IEE, quanto o próprio Ibovespa.

Na página seguinte, na página 3, nós já vemos aqui esse aumento do *free float* de 30,5 para 30,7. E destacado aqui o aumento de participações... eram participações de algo em torno de 90% em todas essas empresas que estão aqui destacadas para 100%, então as quatro distribuidoras, a empresa de serviços e a Jaguari (que corresponde exatamente a nossa participação na usina de Paulista Lajeado).

Então essas são as alterações na estrutura societária deste mês, destacando também na área de comercialização e serviço a criação desses três veículos de investimento – Bio Ipê, a Bio Buriti e a Bio Pedra – que abrigarão os investimentos em cogeração que detalharemos um pouco a frente.

Passemos então a página 4 onde nós podemos começar agora um detalhamento dos efeitos de mercado que dirigiram, como falei, os resultados deste mês. Como já tinha destacado no mês passado até em função daquela portaria de São Paulo referente ao faturamento dos consumidores livres, eu acho mais importante destacarmos aqui o valor pro-forma, porque ele é o comparável com o ano anterior.

Então por ele nós estamos vendo aqui um crescimento de 8,5% das vendas de energia na área de concessão das oito distribuidoras. Este valor é composto basicamente por um crescimento de 5,5% no mercado cativo, ou seja, aquelas vendas faturadas diretamente pelas distribuidoras aos consumidores finais, e um volume... um crescimento impressionante, vigoroso, de 20,3% aos consumidores livres atendidos na área de concessão das oito distribuidoras.

Acho que são destaques importantes, na parte de baixo, o comportamento não só do segmento industrial, que muito claramente fica observado a partir dos 20,3% dos clientes livres, mas também o crescimento industrial dos consumidores faturados pela própria distribuidora de 14,3. À ele se junta ainda o comportamento do segmento residencial e comercial com 4,7 e 6,9% respectivamente.

Aqui detalhando um pouco do momento que vive a economia brasileira, muito positiva, alguns *drivers* que determinam principalmente o segmento residencial e comercial, que nem durante a crise diminuíram, então continuam-se tendo acréscimos importantes nesses dois segmentos. Lembrando que são segmentos importantes para a distribuidora, pois são atendidos em baixa tensão, e é onde a companhia aufera as suas maiores tarifas.

Então como *drivers* aqui, além do crescimento do número de clientes neste período, algo próximo a 140.000, as temperaturas deste ano também são maiores do que as do ano passado, verificados aqui de até 15% na cidade de Santos (uma área importante da companhia), e de 4% na cidade de Campinas.

Na área macroeconômica a massa salarial continua crescendo, 2,3% em São Paulo; 5,1% no Rio Grande do Sul; no Brasil, 3,3. Os volumes de venda no comércio varejista continuam também fortes, 7,9% São Paulo; 4,7% Rio Grande do Sul; Brasil em torno de 6,9%.

Olhando aqui ainda para o Brasil, a criação de postos de trabalhos formais, chegando aqui nesse período a 1.698 milhão, uma previsão para o ano de algo como 2 milhões de novos empregos, um dado extraordinário também. E a manutenção ainda, até com um pequeno crescimento, nas concessões de crédito. Vejam que em março de 2009 nós tínhamos 27 bilhões de crédito no mercado e hoje, março de 2010, algo como 31 milhões... 31 bilhões.

Complementando esta figura nós temos aqui na parte de cima as vendas totais. Eu já havia falado do crescimento de 5,5 no mercado cativo das distribuidoras, mas a ele também se junta os 2,7% de crescimento nas nossas vendas no mercado livre, que já estavam fortes.

No ano passado nós não tivemos diminuição porque fizemos aquela operação de venda no Leilão de Ajuste, e a ela, que está sendo substituída agora, nós estamos atuando em cima do mercado dos grandes consumidores e, mesmo assim, conseguimos mais 2,7. Totalizando então como vendas faturadas pelo Grupo no mercado cativo e livre, 4,9% de crescimento, atingindo 12.233 mil GWh. Os resultados são muito positivos e muito consistentes, com uma boa perspectiva futura.

Na página 5 a gente vê agora um detalhamento um pouco maior do segmento industrial. Primeira coisa importante é destacar que o consumo na área industrial em relação ao ano passado cresce 14,3%, e ao crescer dessa maneira supera o nível pré-crise.

No lado direito nós conseguimos ver alguns números referentes à questão da produção industrial, onde se verifica que no Brasil -0,3%, com crescimento de 18% na comparação dos trimestres. Esses valores são acompanhados já no Rio Grande do Sul +0,2%, crescimento de 16% nos trimestres. No estado de São Paulo por -1,4, 18.1% na comparação dos trimestres, com um nível de capacidade instalada já superior a 80% em fevereiro deste ano.

Na parte debaixo nós destacamos o desempenho do consumo industrial por atividade nas empresas atendidas pelo Grupo. Então vocês vêem um *breakdown* dos segmentos atendidos em termos de volume de participação na classe industrial das oito distribuidoras do Grupo, destacando-se aqui a importância do segmento metalúrgico, alimentos e químico.

E as duas comparações que atestam aquilo que falava no início, ou seja, de que estamos já com um volume de energia vendida ao segmento maior do

período antes da crise, e é por isso que nós fazemos a comparação então do primeiro trimestre de 2010 com o primeiro trimestre de 2008.

É bem verdade que dois segmentos ainda têm comportamentos pouco inferiores (o setor de metalurgia e o setor de material de transporte). Mas vocês podem observar na comparação desse primeiro trimestre de 2010 com 2009 que as recuperações são vigorosas, 30% na metalurgia, 18% na indústria química, também na têxtil, e no material de transporte 27%.

O dado mais relevante aqui é referente ao fato de que nós temos, sob o ponto de vista da recuperação econômica, esse gráfico eu não coloquei, mas nós tivemos uma queda à época da crise em termos de 24,5% na questão das exportações de bem, recuperamos 14,7 desde então. Então ainda há um *gap* referente às exportações de 13,4%.

Quando nós falamos de mercado interno essa situação já hoje é bastante mais confortável. Usando o mesmo critério da vez passada nós tínhamos, lembrando, caído 20,6% na produção industrial no Brasil e já recuperamos 21,9%, o *gap* então é muito pequeno, o que se verifica então que os segmentos que ainda não recuperaram plenamente são segmentos que tem no seu perfil de venda principalmente a questão de exportações, essa que ainda, como falei, ainda não recuperou completamente.

Passamos agora à página 6, onde podemos fazer aqui um apanhado porque as pessoas têm nos perguntado: "puxa, mas esse crescimento no segmento residencial é robusto, ele é consistente, ele é sustentável"? Então nós procuramos colocar nesta página uma avaliação comparativa do segmento residencial na América do Sul.

Observem que o Brasil ainda é o país que detém o menor consumo per capita, e essa comparação é de 2007 porque são os últimos dados comparáveis disponíveis, nessa comparação a área de concessão das nossas distribuidoras, como pode ser verificado, ultrapassa levemente ao Chile. Então eu coloquei aqui os 631 KWh por habitante, que corresponde exatamente ao consumo per capita nas áreas atendidas pelas oito distribuidoras do Grupo CPFL Energia.

Mas observem também que nós temos comparações com Argentina, Venezuela e Uruguai, o que demonstra, se formos utilizar somente a comparação com o Uruguai, uma perspectiva ainda de crescimento de 38%. E procuramos ainda colocar, em um país que tem características especialmente de temperatura como o Brasil e Austrália, cujo consumo é cerca de 370% maior do que o verificado em relação à CPFL Energia, então nós estamos falando ainda de perspectivas importantes de crescimento no consumo do segmento industrial.

Vocês vão ver ao lado direito que evidentemente seja em função do Índice de Gini, seja em função do PIB per capita, seja em função da tarifa média residencial, nós vamos ter comportamentos um pouco diferentes. Quando observamos esse consumo, especialmente da Venezuela, podemos observar que a tarifa média da Venezuela é a mais baixa de todos esses países que nós

estamos comparando, isso acaba de alguma maneira induzindo a um certo desperdício.

É diferente dos demais países que têm tarifas mais caras, e é bem diferente, infelizmente ainda, do Brasil que tem a tarifa mais cara residencial desses países verificados. Mas lembrando que esta tarifa mais cara brasileira está principalmente afetada por um nível de tributação e encargos diferenciado em relação aos demais países. Se nós compararmos estudos da Abradee, nós temos aqui um composto que se aproxima de 40% entre tributos e encargos, enquanto os países da Europa principalmente têm valores algo em torno de 6%, em Portugal e Espanha teriam valores desse contorno.

Então era essa a consideração que eu queria colocar, mostrando que evidentemente sob o ponto de vista das perspectivas do Brasil de aumento de emprego, de crescimento do trabalho formal, do avanço na distribuição de renda, e reduzindo então essas diferenças que podem ser verificadas pela própria medição do Índice de Gini - a manutenção do controle de inflação ainda com expansão da oferta de crédito; redução das taxas de juro ao consumidor (isso vem se verificando já há muito tempo); o aumento das condições de acesso ao crédito, seja através dos bancos e linhas diferenciadas de financiamento.

Além de mais recentemente esse programa voltado ao equacionamento do déficit habitacional, eu diria que as perspectivas para este segmento residencial continuam realmente importantes na plataforma das distribuidoras e, em particular, do nosso Grupo.

Vamos agora então fazer um detalhamento dos resultados, do Ebitda e do lucro líquido, passando para a página 7. Então nós estamos reportando aqui um acréscimo de 22,8% no Ebitda, chegando então a 809 milhões, ampliando levemente a margem Ebitda para 30%. Pode ser verificado basicamente três componentes.

A primeira e mais importante é o aumento da receita, e ela está... como falávamos antes, ela é muito mais voltada, ou de alguma forma direcionada, pelo aumento de vendas, 4,9% nas vendas totais faturadas, levemente por reajustes tarifários e contratuais, o principal deles da Paulista. Finalmente a recuperação vigorosa do consumidor livre que em volume dava 20% e em receita de TUSD dá 33%. Então a receita se explica basicamente por esses três componentes, com uma participação mais relevante, claramente, do aumento de vendas de energia.

Do outro lado nós temos um aumento dos custos em termos de volume de energia comprada e encargos. Pode ser verificado aqui principalmente um aumento de 13,5%, mas ele incorpora o que eu chamava de "efeito não recorrente", ou seja, o acordo da RGE no ano passado com a Aneel, frente a questão de Uruguiana, e principalmente a revisão tarifária definitiva de Paulista e RGE - ambos provocando um resultado negativo ano passado, que neste ano para a gente fazer o processo mais adequadamente, uma comparação que seja recorrente, a gente está evidenciando. O aumento de

13,5% é fortemente carregado pelo segundo componente deste volume que é o aumento de 31,9% nos custos de encargos do uso de rede, principalmente pela maior amortização deste encargo (encargos e serviços - ESS).

Finalmente aqui o aumento de 19% nos custos e despesas operacionais, 54 milhões. Esse valor ajustado de 6,1% é importante destacar que o primeiro trimestre do ano passado foi um trimestre onde nós apertamos muito a questão das despesas, até por conta do evento... do início do evento da crise, que logo em seguida terminou, mas este é um trimestre onde nós fomos muito, muito mais cautelosos no que diz respeito às despesas, dado que não tínhamos ainda uma perspectiva muito clara de como essa crise ia se comportar.

Então a comparação, pelo menos de custos, é infeliz porque é um trimestre atípico. Lembrando que no ano passado também tivemos um ajuste dos salários da companhia na casa do IPCA em torno de 6%, então o valor, eliminados esses eventos não extraordinários, é na casa de 6,1%.

Mas com alguns destaques: primeiro nós estamos potencializando a nossa operação de *call center*, CPFL Atende, com uma diminuição do nosso próprio quadro próprio das distribuidoras, então isso tem efeitos de desligamentos e ajustes de provisão. Temos infelizmente o acréscimo do SAT, essa alíquota de SAT foi aumentada para todas as empresas do setor elétrico em 1%, impacto de R\$ 9 milhões nas do nosso Grupo.

Os efeitos não-recorrentes no estorno de PDD do ano passado da RGE, equacionamento de uma das grandes prefeituras do Rio Grande. E o complemento do passivo de energia livre da Piratininga de 2 milhões. E o prêmio pago pela EPASA em contratos de energia, a outorga da Aneel saiu mais tarde e isso acabou gerando um valor adicional de R\$ 5 milhões.

Isso então, de grosso modo, o que direciona o Ebitda é um acréscimo de receita por mercado e por TUSD, com correspondente aumento de custos na mesma proporção percentual referente especialmente aos custos com encargos. E eu diria assim, sob o ponto de vista dos custos e despesas operacionais, os 6% recorrentes são importantes com alguns eventos não-recorrentes verificados pela estratégia da companhia. De qualquer maneira o resultado é muito positivo e a ampliação de margem reportada é uma evidência disso.

Vamos para página 8 onde a gente apura o lucro líquido, e o lucro líquido é fortemente impactado pelo crescimento de Ebitda de 150 milhões, que acabamos de reportar. E aí no caso temos mais dois eventos: como um evento muito positivo, no ano passado onde nós tínhamos aqui pela via do atuário nenhum superávit do plano previdenciário, neste ano nós estamos agora reportando trimestralmente, em vista do atuário que fez a sua manifestação em janeiro, R\$ 23 milhões por trimestre, isso é esperado para o ano inteiro. Então os dois elementos que puxam o resultado são basicamente o Ebitda e a entidade de previdência.

Por outro lado nós temos aqui uma redução de 20% no resultado financeiro da

companhia, uma redução das receitas da aplicação de caixa, isso se explica principalmente pela variação para menor da Selic, o que é positivo. Do outro lado, apesar de incorporação de financiamentos para viabilizar a conclusão dos nossos maiores empreendimentos, nós temos uma redução de 2,2% nas despesas financeiras em 4 milhões.

Obviamente o *net* disso corresponde a um resultado de Ebitda crescente, em cima do qual nós temos aplicação aqui do imposto de renda de 54 milhões, em cima principalmente desses 150 milhões a mais de Ebitda. Com isso fechamos então o resultado vindo de 283 milhões para 390 milhões, e também nesta medida um aumento de margem líquida de 12,6 para 14,5%.

Eu queria destacar agora a partir da página 9, dado que falamos de custos, principalmente os valores, já passado inclusive o processo de revisão tarifária e etc., a importância da questão da sinergia, da gestão operacional eficiente em todas as empresas do Grupo.

Observem que no caso de Paulista, Piratininga e RGE continuam tendo reduções na comparação de 2006 contra 2009, pós revisão tarifária, mas aí já se verifica mais claramente a importância seja da escala, seja especialmente da geografia, para uma redução de custos de pessoal, material, serviços de terceiros e outros para as empresas Santa Cruz e a CPFL Jaguariúna, vindo da CMS, com reduções entre 28 e 45%.

Isso rebatendo naturalmente por um aumento de margem Ebitda reportada após as revisões tarifárias na distribuição consolidada vindo de 20,6 para 22, mas vocês observem que em cada uma das empresas o mesmo comportamento é verificado. Então isso só atestando a importância de a gente poder evoluir cada vez mais em cima de sinergias, de compartilhamento de melhores práticas, de tecnologia, isso tudo produzindo e criando valor na plataforma, como pode ser verificado.

Eu ainda guardei, na página 10, dois exemplos importantes disso. No primeiro caso a inadimplência, é uma marca do Grupo positiva, na casa de 1,28, mas comparando aqui desde a incorporação da RGE, na época em 2006 nós tínhamos algo próximo a 5% de inadimplência, em janeiro de 2008 ela já tinha caído para 3, e agora no mês de março ela cai para 1.6, portanto, se aproximando fortemente dos valores praticados pelo Grupo. Então isto é exatamente o compartilhamento de padrões para a gestão de inadimplência.

Do outro lado, embaixo, o contínuo aumento de produtividade verificado, inclusive na comparação da crise, nós estamos com um crescimento de 5,5% em produtividade, em venda por consumidor... por colaborador, e ainda um crescimento em volume por consumidor. Então esses dois elementos demonstram aqui essa potencialidade dessas práticas, desse nível maior de eficiência.

Queria colocar agora, na página 11, algo que destacamos à época do processo de planejamento estratégico, e que diz respeito exatamente a um processo autorizado agora pela Aneel e regulamentado, que é o processo de

incorporação de redes particulares.

No passado os consumidores não tinham programas de universalização, quando eles estavam muito distantes da rede, a participação financeira da companhia era menor (estabelecida na época pelas regras do DNAEE e etc.). O fato é que em todas as companhias, mas mais particularmente as de grande extensão aqui em São Paulo, como as que nós temos, ainda tem consumidores atendidos com redes que pertencem aos próprios consumidores.

Essa metodologia da Aneel permite agora a incorporação dessas redes à base das distribuidoras. Isso vai representar de um lado um aumento da base de remuneração, e de outro lado, naturalmente, o reconhecimento de valores a serem incorporados na empresa de referência.

Falando somente da base, nós estamos falando aqui de R\$ 387 milhões que serão incorporados a partir deste trabalho, ao longo deste período. Começamos, como pode ser verificado aqui, no começo deste ano já para a Paulista, e começaremos ao longo do ano para todas as demais empresas do Grupo, então é um trabalho que começou agora, só 7.387 milhões.

Lembrando que esses 387 significam, em um Grupo cuja base de remuneração líquida é da ordem de 4.7 bilhões, nós estamos falando de algo próximo a 8% de incorporação... de aumento de base por efeito dessa incorporação. Então essa metodologia foi definida pela Aneel, pelo valor contábil dos ativos, depreciados em vinte anos. E nós passamos então a fazer esse trabalho conforme demonstrado aqui, com essa perspectiva de já na próxima revisão termos reconhecido essas incorporações.

Passamos agora página 12 onde mostramos agora um pouco do acompanhamento dos projetos de geração. O primeiro deles, e mais importante, o trabalho em Foz do Chapecó, onde nós já investimos 1.144 bilhão, de 1.347 previstos, ou seja, 91% realizado.

Nós imaginamos agora ao final deste mês começarmos o processo de enchimento do reservatório para que possamos fazer o comissionamento definitivo das máquinas, e entrar em operação aqui em julho deste ano. Então o projeto mais importante em conclusão da companhia, começado em dezembro de 2006 e que se aproxima agora da fase de conclusão e que vai incorporar ao Grupo uma receita próxima de R\$ 300 milhões por ano.

Também na página 13, um acompanhamento aqui da CPFL BIOENERGIA com a nossa Usina Baldin. Nós já concluímos... praticamente concluímos esse projeto nesse mês de abril, e começamos aqui a operação muito possivelmente nesse final do mês de maio. Aqui, evidentemente, o volume de produção é o volume de biomassa que vai estar disponível pela usina. Então nós temos aqui... vamos ter produção de energia ao longo deste ano inteiro, dado que a safra começou um pouquinho antes desse momento em que a usina passa a funcionar.

Do outro lado, na CPFL Bio Formosa, também começamos a construção neste

mês de março, algo como 10% já desenvolvido até a data de hoje (R\$ 12 milhões investidos).

Passamos à página 14, nós temos aqui a EPASA e os parques eólicos. A EPASA já com praticamente metade da obra concluída, essa usina entra em operação entre setembro e outubro deste ano. Então uma usina que também vai trazer uma contribuição importante sob a ótica de receita, R\$ 85 milhões por ano na nossa parte.

Finalmente os parques eólicos que vão adicionar uma receita da ordem de 100 milhões por ano. Nós começaremos a construção dessa usina agora em agosto (segundo semestre deste ano), um investimento previsto de R\$ 768 milhões no Rio Grande do Norte.

Finalmente na página 15 nós temos exatamente o *disclosure* dos três projetos que falávamos da última vez, ainda não fechados e agora neste momento já concluído a transação. Trata-se então de implantação de plantas de cogeração em três usinas - em Buritizal, Nova Independência e Serrana, no estado de São Paulo, conforme destacado no mapa, uma adição de 145 MW de potência instalada, que vai dar algo próximo a 90 MW de potência exportável por safra, e um investimento da companhia de R\$ 366 milhões. Somente com as seis plantas... as cinco plantas em construção (essas três, mais a duas que destacamos) nós deveremos ter no conjunto dessas operações uma receita anual da ordem de R\$ 120 milhões.

Por conta disso, na página 16, nós vemos aqui que a companhia caminha muito fortemente agora nesse segundo semestre para se tornar o terceiro maior *player* privado de geração, época em que ela completará 10 anos desde a sua criação. Lembrando que ela partiu aqui de algo próximo a 130 MW, as pequenas centrais hidrelétricas da Paulista, e vai atingir aqui ao final deste ano algo próximo a 2.400 MW, um crescimento importante.

Já no seu *pipeline* crescimento importante com a incorporação das biomassas, que já no ano que vem passam a produzir, algumas inclusive daquelas que anunciamos nesse trimestre. E já no ano de 2012 nós nos tomaremos aqui o segundo maior *player* de geração de energia brasileira, com oportunidade de continuarmos a crescer.

Observem na parte debaixo os leilões de Energia Nova que vão se verificar ao longo deste ano. Lamentamos não ter podido participar de Belo Monte, mas o país tem um conjunto de oportunidades que se abre, seja para geração hidráulica, seja para biomassa, vários leilões vão ser verificados, seja também para eólico, teremos aqui um Leilão de Reserva nesse segundo trimestre.

Então há um conjunto importante de perspectivas em qualquer uma das áreas (biomassa, eólica e hidrelétrica) onde a companhia tem, de alguma forma, consagrado a sua participação. Teremos também aqui com o Leilão A-5, eu vou detalhar um pouco mais à frente, uma demanda de 3.000 MW, com dois leilões se verificando aqui no primeiro e no segundo semestre, além de um leilão de demanda A-3 de 600 MW.

Na página seguinte a gente vê um pouco dessas oportunidades que se verificarão no campo hidrelétrico nos Leilões de A-5, onde nós estamos destacando aqui doze oportunidades, doze hidrelétricas que totalizam 4.400 MW, então uma oportunidade importante no Parnaíba e no Teles Pires, então aqui na fronteira do Mato Grosso e do Pará, nós estamos falando da região norte... e no Maranhão, perdão, também. Nós estamos aqui falando de oportunidades relevantes, além de Garibaldi que é uma usina que a CPFL se envolveu no desenvolvimento do seu projeto básico.

Então entendemos aqui que temos oportunidades de continuar crescendo e, naturalmente, em substituição na nossa estratégia ao que prevíamos aqui na entrada de Belo Monte. Mas são doze oportunidades, doze boas usinas, e eu acho que a notícia importante é a retomada aqui, ou a preferência pela usina hidrelétrica para sustentar o crescimento brasileiro que apontamos há pouco.

Na página 18, eu falava sobre a questão dos serviços, então continuamos aqui a nossa expansão na CPFL Total, atingindo 2200 pontos de atendimento, um crescimento de 34% na receita bruta dessa companhia, atingindo nesse trimestre 4,2 milhões.

E o mesmo comportamento vocês têm do outro lado, já da implantação da consolidação da CPFL Atende - empresa criada para fazer atendimento aos consumidores, principalmente para atender as nossas distribuidoras recém-adquiridas (Santa Cruz e as quatro distribuidoras da Jaguariúna), já fazendo também complementos para as demais empresas, se aproveitando de uma infraestrutura tecnológica que nós estamos investindo na CPFL Atende, então são duas boas notícias nesta área.

Eu queria também, nós falamos muito de biomassa, destacar que a CPFL já é hoje a maior compradora de volumes de biomassa, mas essa expansão desse parque de açúcar e álcool no Brasil tem permitido também a gente poder, além de investir nas plantas de cogeração, também comprar energia de fonte incentivada, destacando a biomassa, PCH, e futuramente eólica e solar. Mas nesses dois casos, biomassa e PCH, essas fontes se destinam ao crescimento do mercado livre para aqueles consumidores entre 500 KW e 3 MW, que só podem se tornar livres desde atendidos por esse tipo de fonte, o cliente tem desconto de TUSD de 50%. Nós fizemos aqui... temos 51 contratos de energia desta fonte vigentes, prazos entre dois e cinco anos.

Teremos um faturamento somente em referência a esses contratos no ano de 2010 que se aproxima de R\$ 100, e os contratos que se iniciaram neste ano são de R\$ 66 milhões. Isso é só para mostrar que este volume de produção de etanol, em particular, tem também mobilizado alguns empreendedores a venda de energia nesse mercado e nós estamos atentos também a ele através da CPFL Brasil.

Fazendo um balanço agora na página 20 do Capex do Grupo nós temos aqui então: o ano R\$ 1.851 bilhão é a perspectiva de Capex do Grupo, um crescimento também importante, superior a 35% em relação ao ano passado,

que já tinha sido o ano de maior investimento do Grupo. Com esse detalhamento aqui colocado, já destacando aqui a incorporação também dos investimentos para biomassa, então levantando aqui a perspectiva de investimento em geração para próximo de R\$ 800 milhões e se mantendo aí em valores próximos a 700 no ano de 2011.

E, de novo, mostrando que essa recuperação... o investimento realizado somente nesse trimestre de 2010 se aproximando a cerca de R\$ 300 milhões, o que corresponde a um crescimento de 9% em relação ao ano passado. Então trata-se talvez de uma das maiores plataformas de investimento no setor elétrico de R\$ 6 bilhões para os próximos cinco anos, apenas com os projetos de geração já assumidos pelo Grupo.

Vejamos agora na página 21 um pouco do detalhamento da dívida. Atingimos no final do trimestre uma dívida de 6.1 bilhões, ela se deve, principalmente aqui essa queda em relação ao final do ano passado, a uma formação de disponibilidades próximas de R\$ 1.7 bilhão, aumentou as disponibilidades e diminui aqui a dívida líquida.

Fizemos aqui dois detalhamentos importantes: o primeiro diz respeito ao Ebitda sobre despesa financeira. Vejam que essa melhora do cenário macroeconômico tem impactos muito positivos para o Grupo, ou seja, no final de 2008 nós tínhamos 3.2 Ebitda para cobrir a nossa despesa financeira e agora temos 4,62. Então é uma melhora de comportamento relevante.

Do outro lado nós temos aqui uma queda pela melhora de Ebitda, que nós já apontamos, para 2.1 na relação dívida líquida ajustada sobre Ebitda. Quando nós excluimos desta consideração os investimentos que estão concluindo agora (Foz do Chapecó, EPASA e Baldin, que ainda não produzem Ebitda), nós estaríamos aqui com um índice da ordem de 1.7 vezes, que se aproxima das menores relações que tivemos aqui ao longo de 2006 e 2007, então é uma situação confortável.

Na página 22 a gente verifica já um pouco dessa potencialidade. A companhia então sempre atenta às oportunidades de mercado faz então um alongamento e captações, eu falei da ordem... eu acho que eu tenho esse número aqui detalhado... nós temos aqui rolagens de 827 milhões, e recurso novo para capital de giro das distribuidoras de 418 milhões (distribuidor e gerador) totalizando 1. 248 bilhão.

Esse recurso então foi tomado a 107% do CDI, ele antecipa alguns vencimentos de 2010 do segundo semestre e começo de 2011 em condições que nós entendemos muito positivas, 107% do CDI, cinco anos, o que coloca a nossa dívida já com prazo médio próximo a 5... 4,7 anos, conforme aqui detalhado. O perfil não se altera, nós estamos com 34% da dívida em TJLP, 59% em CDI, e mais uma vez nós estamos chegando aqui a um custo real da dívida na casa de 3.8%, acompanhando todo o cenário positivo macroeconômico brasileiro, dívidas em valores nominais de 9. 1% ao ano.

Então são boas notícias no fronte financeiro que, como pode ser visto na

página 23, são percebidas pelo mercado, então uma variação positiva de CPFL tanto no Brasil, quanto no exterior. Uma retomada aqui dos volumes médios diários e número de negócios, e uma evolução do estoque estrangeiro atingindo agora nesse primeiro trimestre 74%... os estrangeiros voltando então a apostar no Brasil e, evidentemente, ativos com características como o nosso.

Eu queria concluir a apresentação destacando a vocês aqui nessa linha do tempo a enorme preocupação que o mundo vem tendo com relação a sustentabilidade e as empresas sustentáveis, conjunto de índices, mais recentemente na própria Bovespa no que se trata de carbono.

Como eu falava no início, companhia cumprindo um compromisso do seu inventário de gás do efeito estufa. O objetivo ao fazer o inventário é alinhar a empresas as suas demandas de mercado e da sociedade com relação às mudanças climáticas, e ela envolve 100% do Grupo - todas as empresas do Grupo então estão incorporadas nesse inventário que chega aqui a 132 mil toneladas de carbono. O ponto importante é que a partir desse resultado nós passamos a fazer um gerenciamento em cima de todas as oportunidades para a redução das emissões de carbono.

A companhia já é conhecida por ter um reconhecimento de créditos importantes nas suas usinas, por exemplo, de cerca de 1 mil toneladas de carbono equivalente, e ela é uma emissora em todas as suas atividades de 130 mil.

Então aqui temos, sem dúvida nenhuma, bastante trabalho a desenvolver. Nós estaremos oportunamente informando a vocês dos resultados deste trabalho, com incorporação, por exemplo, de veículos elétricos na nossa frota, de projeto de eficiência energético em todas as nossas instalações, os programas de reflorestamento, e as medidas de redução de consumo de água e energia em todas as nossas instalações.

Então aqui há um conjunto muito grande de oportunidades para a companhia, que já é um sinônimo de sustentabilidade, poder evidenciar as possibilidades de gestão do carbono nas nossas instalações.

Eram essas as nossas colocações. Eu, junto com meus colegas, estaremos aqui atendendo a perguntas. Muito obrigado.

Sessão de Perguntas e Respostas

Operadora: Com licença, senhoras e senhores, iniciaremos agora a sessão de perguntas e respostas. Para fazer uma pergunta, por favor, digitem asterisco (*) um (1). Para retirar a pergunta da lista, digitem asterisco (*) dois (2).

Com licença, nossa primeira pergunta vem do Sr. Vladimir Pinto, do Bradesco.

Sr. Vladimir Pinto: Olá, bom dia Wilson, bom dia a todos. Eu queria só... voltando ao assunto do processo de incorporação das redes particulares, só para entender um pouquinho o valor de 387,5 milhões que vai ser incorporado

na base da CPFL, isso vai representar uma saída de caixa para esses consumidores, ou simplesmente vai ser obrigação especial e simplesmente só vai ser considerada a depreciação no processo de revisão tarifária? Essa é a primeira pergunta.

A segunda pergunta é um pouco sobre os projetos de biomassa, só entender, a CPFL tem 100% desses projetos, ou esse investimento e os megawatts se referem à participação proporcional da CPFL? Muito obrigado.

Sr. Wilson Ferreira Junior: No que diz respeito à primeira pergunta, com redes particulares, ele terá sem dúvida nenhuma um desembolso, ele é uma incorporação de rede e ele terá uma saída de caixa que vai ser remunerada, naturalmente, tal como os demais ativos da companhia.

Precisava-se saber em que condições essa aquisição, ou essa incorporação poderia ser verificada, e essas condições é que foram estabelecidas pela Agência. Então corresponderá, não é obrigação especial, é uma incorporação de ativos à base líquida da companhia, até porque a partir daí vai haver uma necessidade de atualização desses ativos, de reparos na rede, e é isso o que foi principalmente definido pela Agência.

No que diz respeito à biomassa, à exceção do projeto Baldin, onde a gente tinha participação de 51%, nos demais, todos eles nós temos 100% de participação. Esses valores que estão aqui apontados são para 100% da participação do Grupo.

Sr. Vladimir: Ok, muito obrigado.

Operadora: Com licença, nossa próxima pergunta vem do Sr. Vinicius Canheu, do Credit Suisse.

Sr. Vinicius Canheu: Oi Wilson, boa tarde, obrigado pelo *call*. Só mais uma coisa para adicionar no processo de incorporação de ativos, isso aqui a gente deve tratar como se fosse uma aquisição, então isso é caixa e entra um ativo na base da empresa para a próxima revisão? Acho que primeiramente, é assim que a gente deve tratar esse processo?

Sr. Wilson: É assim mesmo Vinicius.

Sr. Vinicius: Tá bom. E o segundo ponto então, aqui o que eu queria saber é se tem algum efeito o processo de consolidação? Acho que sempre que se fala em consolidação no Brasil, principalmente mercado de distribuição, a CPFL é um dos nomes que vêm à mente. A gente viu no primeiro trimestre do ano muitas notícias nos jornais sobre processos de M&A possíveis, e por enquanto a gente tem visto pouco resultado na prática. Eu queria saber se você pode dar alguma atualização em relação a esses processos? Obrigado.

Sr. Wilson: Eu acho que infelizmente o processo é muito precipitado aqui pelos jornais, eu diria que é quase um processo especulativo. Evidentemente que a companhia do seu lado tendo feito aquisições no passado recente, ela

continua atenta, ela sabe, sob o ponto de vista da estratégia nós nunca escondemos. Nós entendemos que para esse setor, tal como os setores consolidados no mundo, é necessária a consolidação.

Só que com isso, tal como a gente tem mostrado... e essa demonstração nossa aqui de melhora dos parâmetros de eficiência das companhias é que permite, do outro lado, a gente poder ter ou almejar universalização, modicidade tarifária, melhor qualidade de serviço. Então eu acho que o próprio governo nas suas manifestações têm hoje um entendimento muito mais claro disso. Agora são transações que são complexas.

Eu vi essa semana, vocês devem todos ter visto, uma reportagem do Valor sobre este tema. Evidentemente se a lógica da consolidação é só compra de *market share* em um preço que não faça sentido, sinceramente, quer dizer, a companhia não está atrás de *market share*, a companhia está atrás de produzir criação de valor para os acionistas e compartilhar isso na forma de melhor eficiência dessas operações com o consumidor, chegando naturalmente, por conta dos processos de compartilhamento de ganhos, ao consumidor na parte de modicidade tarifária.

Esta lógica tem que ser seguida, então eu não diria que... a companhia está atenta sim a possíveis transações que façam sentido a ela. Elas não são simples e elas são afetadas por um conjunto importante de fatores, inclusive externos, daí a importância de você ficar atento. Nós temos então a avaliação de várias companhias que poderiam fazer sentido para nós para que se for necessário rapidez a companhia tem capacidade técnica de promover isso, se for necessário capacidade financeira, eu acho que os dados falam por si só. Agora, nós não estamos fazendo nenhuma transação neste momento, e vemos que o mercado, principalmente da imprensa, mais ativo na especulação (inaudível 51:55) futuramente compartilharemos.

Estamos atentos, estamos preparados técnica e financeiramente para poder fazer isso, mas certamente, tal como falei já, de forma a poder compartilhar com o mercado, principalmente analistas e investidores, a lógica de criação de valor de uma proposta como esta. Ela tem que criar valor para todos os públicos, inclusive e especialmente os investidores, consumidores, que vão estar afetados por esta transação.

Sr. Vinicius: Tá ótimo, obrigado.

Operadora: Com licença, nossa próxima pergunta vem do Sr. David Fajkarz, da Raymond James.

Sr. David Fajkarz: Boa tarde Wilson, boa tarde a todos. Eu queria saber no segmento de geração no mercado livre, o que vocês têm visto de preços? Vocês têm fechado alguma coisa de contrato mais longo? E para quando você espera que deva ter uma pressão maior em cima desses preços, se é para o segundo semestre ou fica só para o ano que vem? É isso, obrigado.

Sr. Wilson: Oi David. O mercado livre está se retomando agora e principalmente nessa linha da biomassa, da chamada "energia incentivada". Esse mercado aí é volátil, nós estamos verificando coisa na casa de 130, R\$ 140/MWh, mas ele tem uma certa volatilidade.

Os demais mercados, seja porque as transações já estavam contratadas, especialmente pelos grandes consumidores que tiveram, vocês lembram, o ano passado até dificuldades de se liquidar porque estavam contratados mas não tinham demanda por aquela energia, esse mercado hoje é praticamente inexistente – ele mantém os volumes, mas em contratos anteriores.

Esses consumidores, os maiores, sem dúvida nenhuma, seja pela volatilidade que se verificou no começo de 2008, seja pelo próprio cumprimento de todas as regras de recontratação, ou seja, o anúncio dos cinco anos antecedentes, eles são muito mais prudentes, então os mercados têm se verificado com contratos longos e com cumprimento, na grande maioria, dos contratos anteriores.

É bem verdade que agora algumas usinas começam a ser concluídas e, obviamente, ao concluí-las, nós teremos aqui uma entrada maior de volumes para esse mercado livre, aproveitando um pouco dessa retomada industrial que, como falei, o crescimento é vigoroso com relação ao ano passado, mas ele compensa, na verdade, uma queda do ano anterior.

Nós não verificamos aqui nas nossas avaliações nenhum tipo de problema de suprimento futuro, em todos os cenários de crescimento da companhia o mercado terá suprimentos suficientes, então não se espera nenhum tipo de volatilidade em relação a esses preços.

Especialmente porque várias usinas estão sendo concluídas, a gente é um exemplo disso, com entrada de Foz do Chapecó, EPASA e etc., nós estamos falando só nesse ano aqui de algo como 1.400 MW somente vindo do nosso Grupo, então existem outras usinas sendo concluídas, eu imagino que isso mantém então estabilidade desses preços.

Sr. David: Tá ok. Obrigado.

Operadora: Com licença, nossa próxima pergunta vem do Sr. Marcio Prado, do Santander.

Sr. Marcio Prado: Boa tarde a todos, obrigado pelo *call* Wilson, obrigado a CPFL. Eu queria fazer três perguntas rápidas. A primeira sobre a questão da obesidade da Parcela B. Teve uma companhia que reportou ontem e no *release* de resultado ela abriu um pouco o quê que teria sido o impacto daquela mudança na metodologia tarifária. Apesar de não ser uma mudança caixa ainda porque essa companhia vai ter o reajuste tarifário somente em novembro, ela já está provisionando.

Então eu queria saber o tratamento da CPFL... como a CPFL assinou o aditamento ao contrato de concessão? Como tem sido o tratamento da CPFL

em relação a isso? A CPFL tem feito uma estimativa de quanto o Ebitda teria sido impactado para baixo por conta desse aditamento? E se já está sendo provisionado?

A segunda eu queria fazer uma pergunta mais sobre Foz do Chapecó. Foz do Chapecó deve entrar em operação... estamos próximos aí ao início de operação de Foz do Chapecó. Eu queria, mais do que uma pergunta, pedir só um balanço, Wilson, do que foi o projeto ao longo do tempo.

Se eu não me engano o Capex foi um pouco maior do que a CPFL imaginou inicialmente, então se você pudesse tecer só alguns comentários agora que a gente está chegando ao início da operação da planta sobre como foi se desenvolvendo o Capex, o retorno agora que a gente está próximo da operação?

Terceira pergunta só sobre o Leilão de Energias Renováveis, qual é posição da CPFL? Se pretende participar, se já tem projetos que está avaliando? Obrigado.

Sr. Wilson: Muito bem Marcio, com relação à questão da obesidade, a nossa posição é talvez um pouco diferente das demais porque as nossas companhias (cinco delas) tinham o reajuste em fevereiro próprio. Então nós fomos aquelas que, ao assinar, já tiveram a consideração da eliminação da obesidade decorrente de encargos no próprio reajuste tarifário. Na sequência, logo depois, nós tivemos a Paulista, que é a maior delas.

Então que tratamento que se dá? Esse tratamento foi... a nossa avaliação de impacto dessas operações foi pequena porque ela começa em fevereiro, no caso de algumas foi em fevereiro mesmo, praticamente não teve nenhum efeito incorporado, e há um tratamento específico da Agência. Nossa avaliação sob o ponto de vista do impacto, como falei, em torno de 3% do Ebitda regulatório, evidentemente dentro de uma perspectiva de mercado talvez um pouco antes da crise.

Eu diria para você que possivelmente neste ano em particular será um pouco inferior porque os mercados estão com valor um pouco maior, então o ganho decorrente das outras parcelas que são de gestão da companhia (energia comprada e encargos) pode compensar parcialmente a perda dos chamados 3% do Ebitda regulatório.

Com relação à Foz do Chapecó, essa informação que você está colocando do Capex ela não é verdadeira, nós ao longo de toda a construção estivemos com Capex atrás daquilo que nós havíamos colocado como sendo só corrigido monetariamente, talvez esse efeito que você consiga ver é da correção monetária que os contratos têm, essa exatamente é a usina de maior retorno do Grupo. Nós não tivemos até esse momento nenhuma surpresa no empreendimento desde dezembro de 2006.

Confesso a vocês que tenho uma preocupação porque nós estamos agora no processo de obtenção da licença de operação que nós precisamos para encher

o lago, e evidentemente estamos enfrentando aqui essa chamada "greve" do Ibama. Estamos atuando junto com o governo, junto com autoridades no sentido de minimizar o efeito disso. É um lago que se enche rapidamente, nossa expectativa é algo em torno de 30 a 40 dias, mas é preciso esse cuidado. A obra vai ficar um pouco abaixo do orçamento original corrigido segundo os parâmetros do contrato.

Pela estratégia da companhia de aumento de participação de 40 para 51%, e a venda de energia que fez deste volume também no chamado "mercado" a partir de 2013, além do fato de ela ter... estar concluindo então antecipadamente em relação a esse prazo, eu diria que das nossas obras hidrelétricas é aquela que vários trazer a maior taxa de retorno. É um projeto muito bom, com tarifas muito boas.

Tem um terceiro ponto que se você lembrar em relação ao projeto original, nós já entramos naquele momento do BNDES, nas condições do PAC, onde você tinha uma extensão seja do volume financiado (no caso desta obra foi algo próximo a 74%), então fez com que o *equity* fosse menor, e o prazo do financiamento, além do seu custo, prazo mais alto, 16 anos, e o *spread* em cima de BNDES um pouco menor do que aqueles que se verificavam anteriormente.

Não tendo nenhum problema agora nesses dois meses finais de obra, eu posso lhe afirmar que esta é a melhor obra que nós fizemos sob a ótica de taxa de retorno, sem declará-la, mas vocês tinham idéia de quanto nós ambicionávamos, ela é um pouquinho superior a isso porque o custo será um pouco ainda inferior.

Com relação ao Leilão de Energia Renovável, veja, nós neste momento aqui temos algo como 250 mega em construção de biomassa e algo próximo a 200 que são as nossas eólicas, então algo como 450 em construção. Nós temos pelo menos mais isso em *pipeline* que estão sendo observados pela companhia com vista a esses leilões, em particular da questão de eólica. Então a companhia está olhando sim, está com uma estratégia de ampliar a sua participação eólica neste leilão.

Devemos... não aprovei isso ainda em Conselho, mas do *pipeline* que nós temos eu acredito que a gente terá possibilidades sim de estar nesse leilão com um volume de energia, pelo menos na área de eólica, semelhante àquele que tivemos no primeiro leilão.

Estamos aqui, como estamos olhando outros projetos na área de biomassa... a biomassa nos dá como possibilidade não só o leilão, mas o mercado livre que, como você sabe, nesses consumidores é entre 500 e 3 MW ele é comprador, então possivelmente a estratégia nessa área não seja via leilão, mas pode ser dependendo das condições do leilão, nós vamos estar atentos. Então era basicamente isso, né Marcio?

Sr. Marcio: Tá perfeito, obrigado Wilson.

Operadora: Com licença, senhoras e senhores, lembrando que para fazer uma pergunta basta digitar asterisco um.

Com licença, encerramos neste momento a sessão de perguntas e respostas. Gostaria de passar a palavra ao Sr. Wilson Ferreira Junior para as considerações finais

Sr. Wilson Ferreira Junior: Muito bem, eu acho que é importante... primeiro agradecer a presença de todos e de todas nessa nossa reunião. Eu acho que os fundamentos que determinaram os resultados desse primeiro trimestre, ou seja, a questão ligada ao consumo de energia, ela se verifica, nós tivemos ainda no mês de abril algo próximo a 10% na área de concessão, então continua sendo forte. Nós temos uma expectativa de chegar neste ano aqui na área de concessão a algo próximo a 7,6 em função dos dados verificados nesse primeiro trimestre na área de concessão das nossas operações.

Então estamos verificando aqui um comportamento acentuado de consumo, importante recuperação de diversos setores. Estamos muito otimistas em relação a esse projeto. A companhia tem também um encargo relevante aqui de conclusão de obras, então os próximos seis meses é de foco absoluto nessas obras de grande porte (Foz do Chapecó, EPASA, Baldin) que são iniciativas da empresa em todas as áreas e consolidam a companhia como uma empresa integrada, com uma capacidade importante de crescimento na distribuição, vis-à-vis o seu mercado.

Com uma atenção naturalmente as possíveis aquisições, dada a lógica de criação de valor. Especialmente com o foco voltado para essa questão de comercialização de energia e serviços, onde ela tem de forma recorrente trazido bons resultados. Então as perspectivas que se apresentam, dado inclusive um ano que nós estamos com todos os efeitos da revisão tarifária incorporados, então eu acho que é um momento importante para o setor elétrico em termos de futuro.

A CPFL Energia com a sua estratégia, cumprindo a sua estratégia com a disciplina que tem sido habitual, será certamente um dos *players* que se beneficiará desse momento da economia brasileira. Espero estar com vocês nas próximas reuniões e agradeço novamente a participação de cada um nesta do primeiro trimestre. Muito obrigado.

Operadora: A audioconferência da CPFL Energia está encerrada. Agradecemos a participação de todos e tenham uma boa tarde. Obrigada.
